

242

“NÃO É GRADUAL, É CHOQUE E DESINDEXAÇÃO”
(Ex-ministro Bresser Pereira)

Choque: contagem regressiva.

243

ECONOMISTAS E EMPRESÁRIOS ENTENDEM QUE UM PLANO PODE VIR NO CURTO PRAZO, TALVEZ JÁ EM SETEMBRO OU OUTUBRO.

FÁBIO PAHIM JR.

Por mais que o governo desminta, a contagem regressiva para o sexto choque econômico — provavelmente, uma âncora cambial — começou com alta nas Bolsas (10,21% em SP, na semana passada) e pode ganhar velocidade em setembro, na opinião de economistas e empresários, alimentada por inflação crescente, batendo nos 34% em agosto e es-

timada em até 36% em setembro. Economistas e empresários financeiros preparam-se para o risco de um novo plano a curto prazo — entre setembro e outubro — e não em janeiro, como parece preferir a equipe econômica. Nas bolsas, “a expectativa é de um choque nos próximos dias”, disse alto dirigente da Bovespa antes da demissão de Luiz Carlos Delben Leite da presidência do BNDES, derrubando o preço das ações, sexta-feira. Economistas são mais cuidadosos: “Não

é possível prever data, mas começamos a viver o clima pré-choque”, disse Edy Kogut, da Fundação Getúlio Vargas.

A Bolsa reflete o sentimento dos políticos, que pressionam por choque já e temem o próximo dia 12, quando haverá convenção do PMDB, um dos partidos que dão sustentação ao governo. Se vencer a corrente quercista, o PMDB pende para a oposição, raciocina José Augusto Arantes Savasini, da Rosenberg & Associados. Nesse caso, as pressões políticas crescerão e a previsão da Rosenberg — inflação de 37,5% em ou-

tubro — “poderá ser superada, acelerando o risco de choque”.

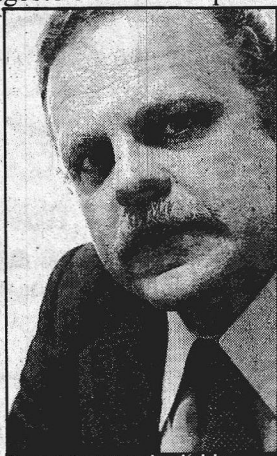
O ex-ministro Luiz Carlos Bresser Pereira, responsável pelo Plano Bresser, de 1987, evita prever datas, sugere “paciência”, mas saúda um choque: “Acho que seria ótimo, alguém um dia vai reconhecer que só eu falava disso enquanto as pessoas só agora admitem que a única solução é um plano”. Como ele será? “Te-

mos que ter ajuste fiscal antes, durante e depois do plano; âncora cambial, com conversibilidade; alguma forma de congelamento; determinação de privatizar; acordo com os Estados Unidos; e independência do Banco Central, anunciada simultaneamente ao programa”. Esses são os elementos, acredita Bresser. “Não é gradual, é choque e desindexação”.

Cláudio Contador, diretor da Coppead (Centro de Preparação de Executivos do Rio) e co-responsável pela publicação **Indicadores Antecedentes**,

observa: “Ou o choque vem logo ou não vem já”. Ou seja, chegará em setembro ou na virada do ano. “Talvez o ministro adote a estratégia de deixar que haja um agravamento do quadro”, admite.

“A equipe econômica gostaria de obter avanços antes de um plano, mas o governo pode perder o controle”, analisa Edy Kogut, da FGV. “A data só pode ser decidida no dia-a-dia, nem o governo sabe”. A sua maior preocupação é com a dívida pública. “Um calote tornaria as coisas mais difíceis no futuro”.



Kogut teme pela dívida

Nas bolsas a expectativa é de um plano nos próximos dias. A data certa nem o governo sabe, dizem economistas.

Arquivo/AE